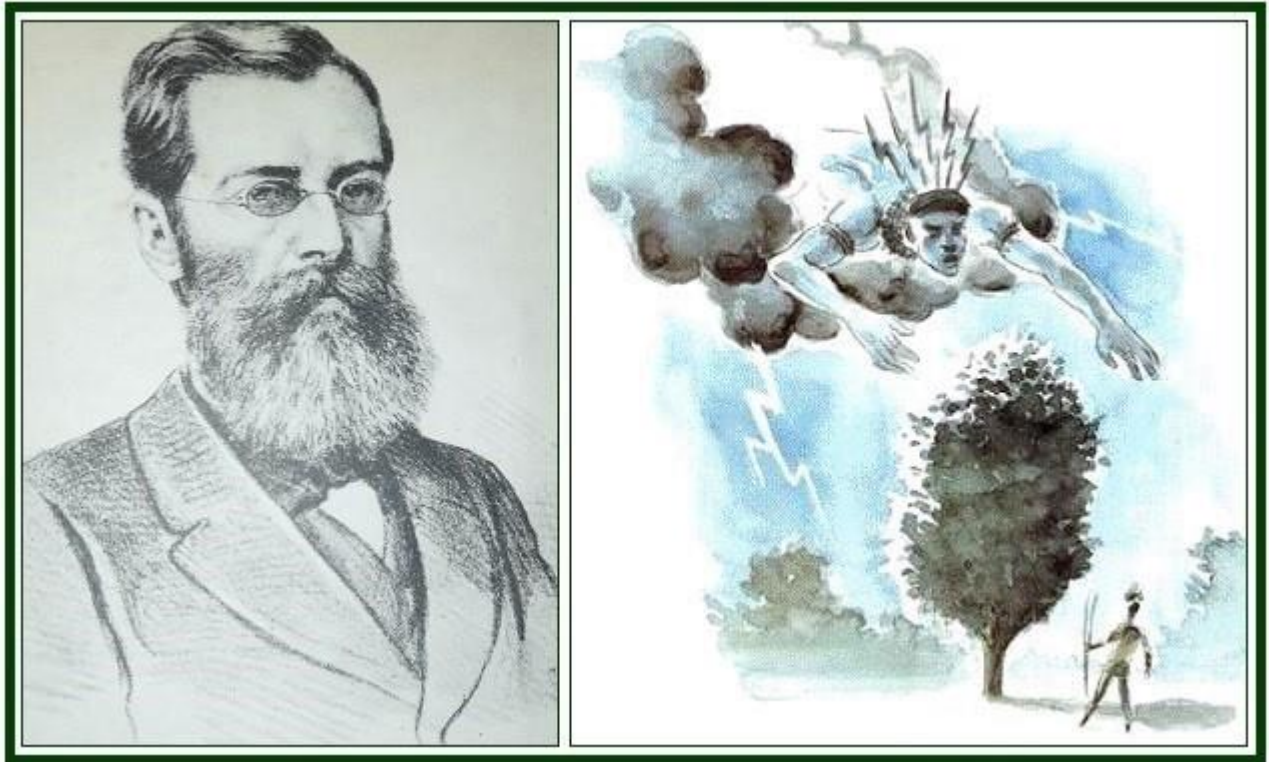


Os Filhos de Tupã

Os Fragmentos Iniciais de um Poema Inacabado

José de Alencar



José de Alencar (em desenho de Ângelo Agostini), e Tupã, o deus-trovão

Nota Editorial de 2021:

Publicamos a seguir a parte inicial de um poema épico indianista de José de Alencar (1829-1877) que permaneceu inacabado.

Os versos de “Os Filhos de Tupã” são reproduzidos de um jornal carioca de janeiro de 1942, em plena segunda guerra mundial. Ali, mais de seis décadas depois da morte do autor, foram publicadas as dez primeiras partes do poema.¹

As partes I e II do primeiro Canto de “Os Filhos de Tupã” estão também reproduzidas em uma versão ligeiramente diferente no livro, hoje raro, “História da Literatura Brasileira”, de Sílvio Romero.²

¹ Veja o [suplemento literário](#) do jornal “A Manhã”, do Rio de Janeiro, edição de 11 de janeiro de 1942, pp. 6-7. O suplemento está disponível nos websites associados sob o título de “[José de Alencar em Jornal de 1942](#)”. (CCA)

² “História da Literatura Brasileira”, Sílvio Romero, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1960, cinco volumes, ver volume cinco, pp. 1472 a 1474. (CCA)

O poema “Os Filhos de Tupã” deveria ter 12 Cantos. Em 1863, José de Alencar escreveu três Cantos completos e interrompeu o projeto depois de começar o quarto Canto.³ Havia trabalhado nele cerca de cinco meses, segundo narra na carta ao Dr. Jaguaribe que constitui um posfácio a “Iracema”. Preferiu avançar com o tema indígena em prosa, escrevendo “Iracema”, livro de 1865. O terceiro volume da trilogia, “Ubirajara”, foi publicado em 1874.

A Obra Completa de Alencar publica no seu volume IV todo o material disponível do poema inacabado.⁴ Mesmo interrompido, o projeto jamais perdeu importância para o autor. Em 1877, um mês antes da piora definitiva de saúde, Alencar tratou de revisar o texto para que fosse publicado e entregou o primeiro dos quatro Cantos, revisado, a seu amigo Félix Ferreira. “A morte surpreendeu-o revendo estas provas”, escreveu Ferreira.⁵

As três partes iniciais do Primeiro Canto de “Os Filhos de Tupã” possuem um notável valor teosófico, entre outros fatores, por conterem uma certa profecia. Chama atenção a ideia do rio como corresponsável pelo equilíbrio da vida no planeta, registrada na parte II do Canto:

“Dormes por todo o século dos séculos.
Mas quanto és grande mesmo adormecido!
Ruge o trovão no peito que resfolga;
Um vulcão turbilhona em teu anélito,
Se arquejas sobre o leito o céu se turva,
As nuvens se envolvem na procela;
Foge a base às montanhas que se abismam,
Treme a Terra abalada nos seus eixos.
Dorme, ó gênio das águas! Quando ao sinal
Terrível do Senhor, tu despertares,
O mundo voltará de novo ao caos.”

Este anúncio profético do caos, vinculado ao abalo da Terra em seus eixos, coloca em foco o tema da Kundalini terrestre, isto é, a energia magnética do planeta.

O assunto é abordado nos websites associados por um texto clássico de Damodar Mavalankar, que foi colaborador direto de Helena Blavatsky. Outro artigo faz uma compilação de informações sobre as alterações periódicas que ocorrem no eixo terrestre e nos polos magnéticos do planeta.⁶

José de Alencar fez estudos detalhados sobre as tradições da Amazônia. O seu poema sugere que quando o desequilíbrio ambiental e espiritual da Amazônia passar do limite possível, o planeta inteiro terá chegado a outra etapa da sua história geológica.

³ Veja a página 53 do livro “Estudos de Literatura Brasileira e Portuguesa”, de Paulo Franchetti, copyright 2007, Ateliê Editorial, Cotia, SP. Examine a p. 151 de “José de Alencar, sua vida e sua obra”, de Arthur Motta, 1921, F. Briguiet e Cia., RJ, 307 páginas. (CCA)

⁴ “Obra Completa”, Ed. José Aguilar Ltda., Rio de Janeiro, 1960, edição em quatro volumes, ver volume IV, pp. 555-606. (CCA)

⁵ “A Vida de José de Alencar”, Luís Viana Filho, Lello & Irmão Editores, cidade do Porto, Portugal, 356 pp., 1981, ver p. 334. (CCA)

⁶ Veja “[A Ética Humana e os Terremotos](#)”, de Damodar. Leia também, em inglês, “[Change in the Poles of Our Planet](#)”. (CCA)

O Deus do Trovão

Cabe um comentário sobre a palavra “Tupã”, usada no título deste poema inacabado.

Tupã é o deus tupi do trovão e da tempestade. É portanto o deus da mudança súbita. Não representa um deus monoteísta, ideia que não existiu entre os indígenas brasileiros até o século 16. A transformação de Tupã no deus único todo-poderoso do Vaticano não foi obra dos indígenas. Trata-se de uma invenção europeia e artificial, promovida pelos jesuítas como parte de um esforço deformador da religião panteísta nativa, com o objetivo de enquadrar os índios no dogma do catolicismo. O ponto é esclarecido documentadamente por Alfred Métraux.⁷

O interesse teosófico e filosófico deste poema inacabado de Alencar é enorme porque, entre outros fatores, ele aponta para a teoria dos ciclos, ensinada por Helena Blavatsky.

Quando uma civilização perde a moderação e o sentido de ética, acaba o mundo tal como esta civilização conhece, e “volta o caos primordial”. A decisão neste sentido é tomada por um Senhor Deus, um patriarca universal que é uma personificação lendária da Lei do Carma, a lei da causa e do efeito. Outras imagens simbólicas da Lei são Saturno, o Ancião, o Iniciador Único.

“Os Filhos de Tupã” aborda detalhadamente o fato de que a natureza tem um caráter sagrado. A parte III do poema descreve a grande floresta e seus rios como um templo natural. Para ingressar neste santuário é preciso tirar das sandálias a poeira e a lama trazidas das cidades.

Em “O Guarani”, uma de suas obras mais famosas, José de Alencar afirma que nos templos formados pelas florestas antigas⁸, os troncos das árvores centenárias cumprem o papel de colunas. Sustentam as abóbodas do santuário, feitas de folhas verdes.

(Carlos Cardoso Aveline)

Os Filhos de Tupã

José de Alencar

Primeiro Canto - A Guerra

⁷ Veja o item “1) *Panteísmo e Sincretismo na Origem do Brasil*”, do artigo “[O Brasil Universalista](#)”. Cabe registrar: a personificação de divindades cósmicas também ocorre em outras religiões além do cristianismo. Deve ser reconhecida como um recurso poético e encarada como tema de lendas populares cuja sabedoria não está sempre na superfície, nem na letra morta. A figura de um deus pessoal *monoteísta*, porém, é notavelmente artificial. E com a multiplicação das igrejas cristãs dos séculos recentes, temos um número vasto e crescente de “deuses monoteístas”. (CCA)

⁸ “O Guarani”, romance brasileiro, de José de Alencar, Parte I, Capítulo III, intitulado “A Bandeira”. O parágrafo em questão começa com as palavras “Apesar de ser pouco mais ...”. Na edição de 1967, publicada pela Editora Letras e Artes, do Rio de Janeiro, veja a metade inferior da p. 45. A edição tem 363 páginas. (CCA)

I

Ao deserto, minh'alma! Sobre os píncaros
 Da bronca penedia, enquanto o vento
 Nos antros da montanha ulula e brame,
 Solta a rude pocema⁹, o canto fero,
 Dos filhos de Tupã. E ruja a inúbia¹⁰,
 Troando pela várzea os sons bravios.

II

Salve, Amazonas! Rei dos reis das águas,
 Tamuí¹¹ dos rios, filho do dilúvio!
 Gigante, que o maior dos oceanos
 Gerou nos flancos da maior montanha!
 És origem do líquido elemento
 Que circunda o universo?¹² És tu que pejas
 Dos pélagos sem fim as profundezas,
 Onde matam a sede o céu e a terra?
 És pai das ondas, ou tirano delas?

Colosso ingente, que fundiu nas águas
 O verbo de um artista onipotente,
 A cabeça reclinada sobre os Andes
 Ao céu rasgando as largas cataratas.
 O dorso enorme ressupino estendes,
 Pela terra que verga com teu peso;
 Os cem braços, que alongas pelas serras,

Abrangem tanto espaço que outros mundos
 couberam ainda, neste mundo novo,
 Feito para teu berço. Com desprezo
 Aos pés o colo esmagas do oceano,
 Que mugindo se roja pelas praias.

⁹ Pocema. Uma nota de rodapé da edição de 1942 informa que este é o grito de guerra dos tupis. O alarido do grito era acompanhado de gestos de desafio e pelo estrépito das armas. (CCA)

¹⁰ Inúbia. Trombeta de guerra dos tupis. (Nota de rodapé da edição de 1942)

¹¹ Tamuí. Herói da mitologia dos tupis; significa “o Avô” e dele descendia a grande nação dos tamoios. É o Abraão dos tupis. Mitologia ou mitos dos tupis é expressão de Humboldt - Voyage au Nouveau Continent - tome 2, p. 243. (Nota da edição de 1942)

¹² “És origem do líquido elemento que circunda o universo”. Nas tradições antigas, “o Oceano é um imenso rio que circunda o mundo terrestre”, diz Raíssa Cavalcanti no seu livro “Mitos da Água”, Ed. Cultrix, SP, p. 21. E em outro trecho da obra: “O fato de os rios possuírem uma forma serpentina os liga simbolicamente à Uroboro, à serpente primordial, ao princípio e origem de todas as coisas, à totalidade primária” (p. 103). (CCA)

Mas prostrado e vencido, não vassalo,
 O mar soberbo ¹³ às vezes se revolta.
 Alçada a frente, a juba desgrenhada,
 Se eriça e raiva e ruga e ronca e troa;
 E a longa, imensa cauda retorcendo ¹⁴
 Te enlaça o corpo no impotente esforço.

Pousa em teus ombros o condor altivo,
 Águia-leão dos páramos da América;
 O jaguar, rei da selva brasileira,
 E o tapir, que dos pés o chão devora,
 Teus rafeiros humildes, te farejam
 De longe. A seiva pastam de teu sangue
 Milhões de raças de animais selvagens.
 Vermes, que te pululam nas entranhas,
 São negros manatis ¹⁵, focas enormes,
 Descomunal aborto da mãe d'água ¹⁶,
 E a sucuri, leviatã dos rios.
 Resvalam por teu corpo, dele insetos,
 Horrendos crocodilos, negras serpes,
 Talvez metamorfose monstruosa
 Dos grossos troncos de tombadas árvores,
 Que os lodos animalam ¹⁷ corrompendo.

Aqui, jungido, sob a mão do Eterno,
 Cravado ao chão, monarca no deserto,
 Como Satã domado pelo arcanjo,
 Dormes por todo o século dos séculos.
 Mas quanto és grande mesmo adormecido!
 Ruge o trovão no peito que resfolga;
 Um vulcão turbilhona em teu anélito,
 Se arquejas sobre o leito o céu se turva,
 As nuvens se convolvem na procela;
 Foge a base às montanhas que se abismam,
 Treme a Terra abalada nos seus eixos.

¹³ O mar soberbo. Descrição do fenômeno da pororoca. A afirmação faz parte de uma nota de rodapé da edição de 1942. (CCA)

¹⁴ Retorcendo: a palavra “destorcendo”, que consta no original de 1942, é inadequada no século 21. A serpente do mar retorce a cauda para enlaçar o adversário, como vemos no verso que segue. (CCA)

¹⁵ Manatis: peixes-bois. (CCA)

¹⁶ Mãe d'água. É nas lendas populares do Brasil um espírito ou gênio que produz a inundação, e que a imaginação do povo representa na figura de uma moça de prodigiosa formosura com os olhos verdes e as tranças muito longas. (Nota de rodapé da edição de 1942)

¹⁷ Animalam. “Animalar é tornar um animal”, diz uma nota de rodapé da edição de 1942. (CCA)

Dorme, ó gênio das águas! Quando ao sinal ¹⁸
 Terrível do Senhor, tu despertares,
 O mundo voltará de novo ao caos.

III

Eis o deserto! Surge além, ao longe,
 Mar de florestas, sobre o mar dos rios.

Penetrando os umbrais da virgem pátria,
 Minh'alma, repousemos um instante.
 Peregrinos, pisamos nesta terra santa
 E nunca profanada. Aqui na rama
 Desta planta sem nome conhecido,
 Limpemos a poeira das sandálias,
 Que roçaram na lama das cidades,
 E o chão varreram já da praça pública.
 Oh! Não lancemos, não, pó de ruínas,
 Que esbroam da caduca sociedade,
 Nem farpas do esqueleto carcomido
 Do mundo, sobre o viço em que se expande
 Deste solo a robusta mocidade.
 Ignorante e simples, como outrora,
 Quando bebias dos maternos lábios
 O tímido balbucio nas carícias,
 Leite e pólen que a infância te nutriram;
 Virgem, como do nada tu saíste.
 Vem, ó minha alma. A prece purifica.
 Adore ao Criador o teu silêncio.
 Contempla, admira, sente, crê, não penses!
 Vem te engolfar nas auras desta brisa,
 Da harmonia e fragrância, essência e éter
 Imerge o seio nas torrentes d'ouro,
 Sacia-te da luz que a jorros emana,
 Beija este solo, nosso antepassado,

Cujo humor nutre ainda a tênue argila
 Do corpo que o teu fogo intenso abrasa.
 Banha-te no cristal daquelas águas
 Que se esfolam ¹⁹ nas lapas da cascata
 Em borbotões de espuma. Este batismo
 Vigora e juvenesce a mente enferma.

Joelho em terra! Estamos no deserto.

¹⁸ Ao sinal - No original do jornal, “**ao senho**”. Senho é senha, sinal. A Obra Completa erra ao optar por “ao sonho”, o que deixa a frase confusa. Ficamos com o jornal, usando porém uma palavra do vocabulário de uso diário. (CCA)

¹⁹ Esfrolam - esfolam. (CCA)

Grande e imenso deserto, sólio ²⁰ augusto
 Da virgem natureza americana;
 Leito de amor, no qual o grande rio
 Fecunda o ventre desta selva antiga;
 Imagem do infinito, monumento
 Da primitiva criação do mundo;
 Profunda solidão que a majestade
 Concebes, e o poder de um Deus unânime;
 Vasta amplitude em que a alma se dilata
 Além dos horizontes da existência,
 A embeber-se na luz da eternidade;
 Brasil selvagem, solo agreste e rude,
 Que da lázara gente o bafo impuro
 Não sentiste a crestar-te a flor do rosto:
 Vale, de onde formou-se o grande império,
 Quando passou a aluvião dos mares;
 Berço de minha pátria; eis-me em teu seio!

000

O material acima foi publicado como item independente nos websites associados dia 10 de novembro de 2021. Ele também faz parte da edição de agosto de 2021 de “O Teosofista”.

000

Leia mais:

- * [“O Maior Escritor do Brasil”](#).
- * [“José de Alencar em Jornal de 1942”](#).
- * [“A Sabedoria Ecológica dos Indígenas”](#).
- * [“O Jesuíta”](#) (de José de Alencar).

000



Helena Blavatsky (foto) escreveu estas palavras: **“Antes de desejar, faça por merecer”**.

000

²⁰ Sólio: trono. (CCA)